

O MITO DE BABEL: CONTRA A DESAGREGAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA José Luís Fontenla, Dr.,
Presidente da Comissão Galega do Acordo Ortográfico e das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal,
Delegado da Sociedade da Língua Portuguesa.

Em homenagem aos saudosos amigos profs. Lapa, Cunha, Cintra, G. Da Cal, Azevedo Ferreira, Herculano de Carvalho, Houaiss, Chaves de Melo, Coseriu, defensores da Lusofonia da Galiza, in memoriam.

Introdução

Vestígios do mito de Babel se mantêm ainda na maneira de pensar a Língua Portuguesa já no terceiro milénio, no séc. XXI, por falta de uma política comum de planeamento linguístico (*language planning*) em defesa da unidade estrutural da Língua Portuguesa, seja ela considerada sincrónica ou diacronicamente (Fontenla)¹.

Destarte a segunda língua românica do mundo, terceira Europeia de cultura de dimensão internacional e intercontinental, falada nos cinco continentes por mais de 240 milhões de utentes (UNESCO)², nascida na velha Gallaecia romana, que chegava até ao Mondego, e levada a dois terços do mundo pelos Portugueses com os Descobrimientos, não tem uma política coerente que a divulgue e promova em toda a parte.

Além do mais, o diferendo Luso-Brasileiro, que permite a existência do Português Europeu (PE) e do Português do Brasil (PB), com leves diferenças de pronúncia, léxico, etc. está a criar derivas da língua e a pôr em questão a unidade estrutural profunda da língua Portuguesa, embora exista um Acordo Ortográfico de 1986 e 1990, que unifica tanto quanto possível, a escrita da nossa Língua.

O curioso é que a Língua Portuguesa tem uma unidade estrutural superior à do Espanhol, do Francês, etc., e que o nosso diassistema possui uma Gramática do Português Contemporâneo desde 1984 (CINTRA, CUNHA)³, que abrange os dialetos Galegos, Portugueses e Brasileiros. Também possui um Acordo da Ortografia Unificada desde 1990 (FONTENLA)⁴ e um Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa desde 2001⁵, com transcrição fonética correspondente ao Português Europeu, que seguem a Galiza, Portugal, os PALOP, Timor, etc., além de organismos internacionais (UE, OMS, OIT, AIJ, etc.) como reconhecem alguns autores (SEABRA)⁶.

Apesar da unidade estrutural da Língua Portuguesa, alguns autores tencionam, a partir de perspetivas dialetológicas, manter como que resíduos do mito de Babel, invocando a fragmentação da língua, as derivas (drifts) ou até a sua desagregação na Galiza, Portugal, Brasil, PALOP, etc.

Assim, na Galiza, diversas pessoas ignaras impõem a ortografia e a morfologia castelhanas ao Português da Galiza (MARTINHO)⁷, língua da lusofonia (FONTENLA)⁸ de costas voltadas ao Parlamento, por Decreto; a 20 de abril de 1983, pelo Conselheiro (Ministro) adjunto ao Presidente para a Cultura (sic) Filgueira Valverde, é publicado o Decreto 173/1982 de 17 de novembro sobre a normatização da Língua Galega (sic) e por lei 3/1983 de 15 de junho se estabelece para já, no Diário Oficial da Galiza, a 14 de julho, a Lei de Normalização Linguística. Destarte se enceta a desagregação da língua Portuguesa na Galiza, com o protesto de professores, escritores, intelectuais, deputados, entidades de ensino, investigação e pesquisa e sindicatos galegos, etc. (FONTENLA)⁹.

Cabedelo, Viana do Castelo, Portugal, 2002

Dr. José Luís Fontenla

¹ FONTENLA, J.L. "Ortografia, ortologia, orfofonia. Terminologia no futuro do Português", pp. 202-223, Atas do Congresso "Lusofonia a Haver", Sociedade da Língua Portuguesa, revista "Língua e Cultura", 2000, Lisboa; o mesmo texto com o título "Lusofonia/Lusografia face ao III milénio" saiu na revista da Universidade Lusófona de Lisboa, 2000, Lisboa; ainda: "Problemas da Língua Portuguesa" pp. 39-54, in Cadernos Vianenses, tomo 30, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2001 e "Sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa", pp. 147-152, Atas do II Congresso Internacional O Espaço Lusófono de 1998, Universidade Estatal de S. Petersburgo, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Luso-Brasileiros, Universidade de S. Petersburgo, 2001; "O Português Possível", revista IBIS, da Ass. De Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho, Viana do Castelo, 2002

² ESTRELA, E. "A Língua Portuguesa na Diáspora", Mealibra, Viana do Castelo, 1999, pp. 9-13

³ Nova Gramática do Português Contemporâneo, Sá da Costa, Lisboa, 1984

⁴ FONTENLA, J.L. "Sobre o acordo ortográfico..." citado supra

⁵ Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, ed. Verbo, Lisboa, 2001

⁶ SEABRA, J.A. "Situação da Língua Portuguesa nos organismos do sistema das Nações Unidas" revista ICALP, n.º 11, p.73, Lisboa, 1988

⁷ MONTERO SANTALHA, J. MARTINHO "A Lusofonia e a Língua Portuguesa da Galiza: Dificuldades do Presente e Tarefas para o futuro", Atas do Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literaturas Lusófonas de 1994, Temas do Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura, Ponte Vedra - Braga, 1990.

⁸ FONTENLA, J.L. "Língua da Lusofonia, o Português da Galiza" O Mundo da Língua Portuguesa (Galiza, Portugal, Brasil, PALOP), Atas do III congresso Internacional de Literatura Lusófona: revista NÓS, Ponte Vedra — Braga, 1995, pp. 25-32 e "Ressurgimento Galego, Essa Lusofonia", Temas do Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura, VV.AA., Ponte Vedra — Braga, 1990.

⁹ FONTENLA, J.L. "Presente e futuro do Galego: análise sociojurídica do decreto de normatização e das leis de normalização autonómicas" in Temas do Ensino, Ponte Vedra — Braga, pp. 157-174, 1985